A IDENTIDADE DE CASSIANO BARROSO EM *CARTILHA DO SILÊNCIO*[1]

Elizabeth Francischetto Ribeiro[1]

RESUMO

Este artigo é voltado para uma análise da identidade de Cassiano Barroso, personagem da obra *Cartilha do silêncio*, de Francisco J. C. Dantas, no seu espaço familiar patriarcal em crise. Desse modo, é possível identificar que a narrativa de Dantas em vez de fixar as velhas e estabilizadas identidades busca complicá-las e subvertê-las. Como fundamentação teórica, usaremos conceitos de identidade de Hall e Silva, pertencimento de Bauman, entre-lugar de Bhabha e crise no patriarcalismo de Castells.

Palavras chaves : Dantas, patriarcalismo e estudos culturais.

INTRODUÇÃO

Cartilha de silêncio (1997), de Francisco J. C. Dantas, traz em sua temática a família frente à perda de riqueza e prestígio no cenário patriarcal em crise. E o personagem escolhido para nossa análise é Cassiano Barroso, que com seus 74 anos, é o último sobrevivente de três gerações dessa família no período de 1915 a 1974.

Este trabalho pretende acompanhar como a identidade de Cassiano Barroso, se constrói e se mantém resistente à acomodação no seu espaço babélico familiar em transição da tradição patriarcal para a modernidade. Consideramos para fins de análise o processo identitário permeado pelo deslocamento, muito explorado nos Estudos Culturais e tão presente na literatura contemporânea.

É difícil analisar a identidade deste personagem sem perguntar: Como é construída a identidade? Qual sua função na obra? Que relação mantém com o contexto literário? Assim, diante dessas questões, vamos buscar caminhos para respondê-las e ir atrás da representação

[1]Mestranda em Letras da UFS.

de identidade do personagem proposto. Partimos da hipótese de que é intenção do autor representar a identidade de Cassiano como flexibilizadora da família patriarcal na medida em que se nega a ela marcando a crise do patriarcalismo.

Sobre a narração, conforme evidenciado por Gomes (2009) na palestra "A sociologia da Literatura Sergipana" proferida na Universidade Federal de Sergipe, é possível constatar, em *Cartilha do silêncio*, uma intenção evidente de Dantas em dialogar, em alguns pontos, com *Vidas secas* de Graciliano Ramos. Primeiramente ao seguir o mesmo recurso da "onisciência seletiva múltipla", observada por Leite (1985, p. 47) em *Vidas secas*, em que as vozes do narrador e personagem, em certas passagens, se misturam. Depois o romance enfoca sucessivamente cada personagem da família: Dona Senhora (1915), Arcanja, Remígio, Mané Piaba e Cassiano Barroso(1974) (exceto tio Romeu), dedicando-lhes alternadamente os capítulos, como em *Vidas secas*, em um "avôo da memória" (CS, p. [2]119), localizando e informando da história passada e presente de cada um.

Na história de Cassiano a primeira constatação que fazemos é a perspectiva do deslocamento em sua trajetória em busca de acomodação ao ver-se sobre o cenário movediço e conflituoso. Assim, neste seu percurso é possível identificar o cruzamento de fronteira do local para o território nacional. Dessa forma, é no Rio de Janeiro que vamos localizar Cassiano depois de sua vinda forçada de Aracaju.

Quando o apoio de sustentação familiar que fornecia segurança para Cassiano foi fragmentado – com a morte dos pais e ele foi obrigado, pelo tio-tutor interessado na sua herança, a se mudar para o Rio – Cassiano perdeu o seu referencial tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo gerando, segundo Hall (2005), a chamada "crise

[2]Usaremos a abreviatura CS para o romance **Cartilha do Silêncio**, de Francisco Dantas.

da identidade". Neste contexto, temos novas construções identitárias fluídas e cambiantes, que "flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta (...). Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente" (BAUMAN, 2005, p. 19).

Uma vez em território estranho, Cassiano é obrigado a se reconstituir em meio aos novos desafios. Assim, vamos encontrá-lo vagando solitário misturado no meio das pessoas da cidade grande onde se sentia "autêntico europeu":

> ali podia dreambular pelas ruas de vitrinas enfeitadas, se misturar à multidão do footing buliçoso sob as luzes feéricas, naquela envolvente solidão arrodeada de cidadãos bem trajados e esplendias mulheres cobertas de ouro e de pedras, e onde ele não passava de um anônimo desconhecido (CS, p. 310).

Este indivíduo isolado, alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão anônima e impessoal podemos associar ao exemplo do "*flaneur* (ou o vagabundo), que vagueia entre as novas arcadas das lojas, observando o passageiro espetáculo da metrópole, que Walter Benjamim celebrou no seu ensaio sobre a Paris de Baudelaire". (HALL, 2005, p. 33). Continuando, o teórico explica que esta situação visava representar a vivência própria da modernidade já prevendo o que iria acontecer ao sujeito sociológico estável da primeira metade do século XX. Neste mesmo período, estava começando a ser representado um sujeito mais perturbador pelos movimentos estéticos e intelectuais associado com o surgimento do modernismo.

"A figura do *flaneur*, descrita por Baudelaire e retomada por Benjamim, é constantemente citada como exemplar de identidade móvel" (SILVA, 2000, p.86). Portanto, estes esclarecimentos nos permitem localizar Cassiano como o sujeito conceptualizado como não tendo mais uma identidade fixa e estável, mas uma identidade fluída, algumas vezes

contraditória ou não resolvida. E também permite enquadrar este personagem ao perfil do homem frente às transformações da modernidade e identificado em outros exemplos na nossa literatura. Caso que veremos ao final deste trabalho.

A característica do sujeito que se desloca para um novo território, como é o caso de Cassiano, é a oportunidade de contato com outras culturas favorecendo a hibridização que, forçosamente, transforma e desestabiliza a identidade original. Assim, Cassiano, na sua estadia no Rio, dos 14 aos 28 anos, sofreu influências de outra cultural e ao voltar para Aracaju não é mais apenas sergipano, mas traz uma identidade marcada pela mistura cultural.

Segundo Stuart Hall (2005) mesmo que tenha forte relação com seu lugar de origem, ao ultrapassar fronteiras, as pessoas perdem vínculos com seus lugares e suas tradições, obrigando-se a negociar com as culturas a que se agregam. Ao preservar traços fundamentais como linguagem e histórias particulares do passado, elas buscam também se proteger da assimilação unificadora e homogeneizante do seu novo "lugar". No caso, Cassiano incorpora ao seu modo de agir, hábitos e costumes, vícios e ostentações da sociedade urbana burguesa:

> então se contentou com o verniz dado pelas revistas ilustradas com arabescos e vinhetas, manuais práticos, enciclopédias, anedotários, trechos esparsos de Montaigne, Nietzsche, por jornais e almanaques. É caído por sentenças curtas e espirituosas dos livros de duvidosa divulgação filosófica (...). O certo é que ficou homem mundano, perdeu o peso do tino, ficou despudorado, alheio ao senso prático (...). E ainda por cima com uma encrenca empestada - a mania das finuras (...) esbanjava do guarda roupa bem sortido a trajos da moda que, nas muitas malas cheias, ele trouxera do rio; (...) (CS, p. 160).

Em Aracaju ele se mostra tão deslocado como se nunca tivesse morado ali antes. "Parecia um estrangeiro sem conhecimento dos costumes, das pessoas, e até de língua travada" (CS, p. 158). Não só devido ao modo "grã-fino", "bisonho requinte" em que vivia, mas, sobretudo por seu afastamento das pessoas e isolamento em que passou a viver. Aqui a

noção de pertencimento de Cassiano está em crise e a partir daí surgem as perguntas: o que sou? de onde sou? (BAUMAN, 2005), colocando em dúvida a interpretação de sua identidade. É possível identificar que Cassiano voltou um sujeito contraditório, dividido entre os valores de uma tradição patriarcal já ultrapassada e os valores da cultura urbana ornamental.

Cassiano, identidade hibrida, volta resistente à acomodação ao seu lugar de origem. Andrade (2009, p. 54), observa que Cassiano se coloca entre o local e o nacional, segundo o conceito do "entre lugar" de Bhabha (2007, p. 20), em que o intelectual quer pensar o seu lugar entre dois mundos: o seu próprio periférico, e o central, de onde, emergem os conceitos e as categorias. Desse modo ela assim descreve a crise de pertencimento de Cassiano:

> quando Cassiano retorna a casa dos Barrosos, ele o faz como o olhar de um estrangeiro, olhar esse intelectualizado que analisa a tudo e a todos de cima, de uma posição supostamente privilegiada de quem teve outras experiências e que, em decorrência disso, está numa posição fronteiriça entre o local e o nacional. (...) tem comportamento que o[s] faz[em] estar o tempo todo no entre-lugar da cultura, na mediada em que o entre-lugar é o espaço da diferença, da negociação onde mesmo as identidades podadas estão num contínuo processo de formação e, por isso mesmo, nesse espaço, o sujeito questiona o seu pertencimento identitário, (...) (ANDRADE, 2009, p. 54).

Pela decisão de uma vida em um espaço deslocado, Cassiano vira o Outro, o diferente em relação aos moradores da cidade e seus familiares. E não são poucas as passagens em que é descrito também com traços de loucura: "voltara homem de castelos e miragens vagando na cabeça" (CS, p. 85); "natureza de menino" (CS, p. 93), "descombinado de tudo" (CS, p. 58), "memória fraca" (CS, p. 167). Ao deixar de compactuar com a realidade que o cerca, Cassiano, com sua mania de grandeza e refinamento, cria uma redoma ao redor de si: "Uma vez enfeudado em seu castelo, não correria mais nenhum risco. Adeus, criaturas olho esquisito, de focinho belicoso! Era sua fortaleza inexpugnável" (CS, p. 310). Em seu

desvario para manter uma existência que julga mais civilizada, segue procedimentos que já não possuem razão de ser: "Nunca ninguém o viu sobraçar um só embrulho. É de hábito ocupar a mão só com o cabo dourado de licorne, engastado na bengalinha de chifre". (CS, p. 168). O problema está para o seu tempo atual, para o qual não tem nenhuma aptidão. Gasta em reformas inúteis e quinquilharias o dinheiro já escasso da família: "Mas como não tinha recursos para arcar com as despesas – que remédio? O jeito era ir se conformando com as reformas. E toca a pôr remendo, e toca a enfeitar. O que ele chamava de simples retoques eram na verdade, floreios, ramagens, atavios" (CS, p.85). Devido a sua mania fidalguia ("deixe de fidalguia" fala sergipana para acusar comportamento esnobe e fora de moda) ganha apelidos de "bocó", "parasita", "ricaço sem dinheiro" da "boca da gente miúda de suas terras" (CS, p 311).

O "estrangeiro" Cassiano depende da orientação da autóctone Arcanja para garantir sua sobrevivência. Por isso Arcanja percebendo seus desacertos, toma a iniciativa e pede Cassiano em casamento e se posiciona como chefe de família, invertendo os papéis estabelecidos na ordem patriarcal que estabelece como função do homem manter o poder da família e à mulher os trabalhos domésticos: "A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça; e a divisão do trabalho, e a casa, reservada às mulheres; ou no interior desta" (BOURDIEU, 1999, p.19). A família Barroso, agora chefiada por uma mulher, subverte a ordem estabelecida pelo gênero, em que o papel principal cabia ao homem e o secundário à mulher. Esta família, segunda geração, é chefiada por uma mulher porque o marido, apesar de continuar na família, não assume a sua função, deixando-a aos cuidados da mulher. Cassiano, devido ao seu desajuste com suas obrigações, é sempre repreendido por Arcanja, espírito

prático, que não se conforma com o jeito do marido: "Que ele bancasse homem, tomasse vergonha, enfrentasse o trabalho, deixasse de lado a vida desregrada, os exageros de tanta polidez, desmesurada" (CS, p. 171).

"Os conflitos de identidade surgem das tensões entre as expectativas e as normas sociais" (SILVA, 2000, p. 32). Cassiano, indivíduo estranho, que habita o "entre-lugar", mostra dificuldade de se adequar ao papel que deveria assumir no casamento com Arcanja, evidenciando um choque com o modelo tradicional de família patriarcal. "Chamo de crise da família patriarcal o enfraquecimento do modelo familiar baseado na autoridade/dominação contínua exercida pelo homem, como cabeça do casal, sobre toda a família" (CASTELLS, 1999, p.173). Este embate põe em evidência o declínio das velhas e estabilizadas identidades, como bem observou Gomes (2006, p.21), ao analisar o "sujeito da diferença" da família nas narrativas de Lya Luft: "quando [as narrativas] abordam a situação dos estranhos [e da mulher] na família patriarcal, põem em xeque os papéis e as identidades tradicionais de uma sociedade enraizada em valores hegemônicos".

Dantas muda o paradigma da narrativa central que tem o poder de fixar os papéis e ideais sociais tradicionais. Ele quebra o modelo na medida em que compõe um personagem que não corresponde às expectativas e restrições sociais exigidas para o contexto patriarcal. Cassiano não tem mais o perfil identitário de pai patriarcal: mudou a família mudou a identidade de pai. Isto quer dizer que a família está na ordem da mudança.

A vida cotidiana exibe uma quantidade de situações que divide as relações sociais normais de seus sujeitos, segundo Bhabha (2007). Na vida de Cassiano isto é uma constante na medida em que se considera da melhor linhagem enquanto os outros não passam de "criaturas inferiores, uma gentinha finória e safada" (CS, p. 07). Entretanto esta situação se

torna ainda mais conflituosa em se tratando da convivência entre empregado e patrão. Enquanto Cassiano percebe a atitude fingida de Mané Piaba: "Na frente da gente rasga sedas de cortesia e servidão, (...)" (CS, p. 294); Mané Piaba tem medo do patrão e reconhece sua aversão a ele: "Este é irrixado comigo" (CS, p. 269). Pelo conceito pós-colonial de Bhabha (2007) podemos explicar que essa divisão ocorre em relação ao "espaço fantasmático da posse" em que numa "inversão de papéis" o desejo de Mané Piaba (colonizado) é ocupar o lugar de Cassiano, enquanto este (colonizador) teme perder o seu lugar para aquele. Esta rixa por espaço é mesmo preocupante para Cassiano que não se conforma quando seu filho Remígio não mantém distância com os empregados misturando-se a eles e tranzendo-os para sua casa, e também, no caso do julgamento que faz da namorada do filho: "trazer para sujar a família uma sujeitinha que só servia de consolo para o corpo em avulsa raparigagem" (CS, p. 328).

Na medida em que o entre-lugar é o espaço da negociação onde as identidades estão num contínuo processo de aperfeiçoamento é possível marcar na trajetória de Cassiano um momento de melhora. Isto acontece graças ao nascimento do filho Remígio quando Cassiano "ganhou ares de criatura aprumada" (CS, p. 185). Nesse ponto ele recupera um pouco da intimidade familiar que tinha perdido com a morte dos pais. Desde então, pode se dizer que ele virou outro, passou a se preocupar com a fazenda Varginha, apesar da falta de jeito para os trabalhos rústicos e da falta de tato pra tratar os empregados.

Com a morte de Arcanja, ele fracassa também na condução do filho que na velhice não lhe dá atenção. Sozinho, pobre e abandonado por todos se isola para escrever suas memórias. Assim, o itinerário do "herói" deste romance impele-o à derrota quer do ponto de vista social, econômico quer do ponto de vista afetivo.

Que relação mantém com o contexto literário? Sabendo que a literatura procura retratar a identidade nacional e que Francisco Dantas mantém um diálogo com seus predecessores, muito nos intrigou buscar semelhança entre Cassiano e outros personagens na literatura. Assim, sem querer aprofundar o assunto, considerando que Cassiano viveu a modernidade, retomando as considerações de Hall (2005, p. 33) em que neste período "estava começando a ser representado um sujeito mais perturbador pelos movimentos estéticos e intelectuais associado com o surgimento do modernismo"; podemos identificar pontos de contato entre Cassiano e Macunaíma de Mário de Andrade. Como bem observou em sua resenha de Cartilha do silencio Pascoal Farinaccio (2005):

> Cassiano é incapaz de sustentar um projeto de vida e de reprodução material coerente, o que o aproxima bastante de outro "preguiçoso" da literatura brasileira, Macunaíma, de quem parece copiar o brilho bonito, mas inútil.

Qual sua função de tal identidade na estrutura da obra? Podemos deduzir que Cassiano incorpora à sua maneira de agir e ao seu modo de ser uma mistura de hábitos e costumes, vícios e ostentações, ambições e recalques tanto da sociedade burguesa quanto patriarcal. Isto quer dizer que tais características da sociedade são convertidas em substância própria da identidade de Cassiano formando o que Candido, (2006, p. 16) define como "uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator arte".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cassiano, ao sofrer o deslocamento para o Rio, fragmenta a identidade e vive a fluidez da modernidade fugaz. Ele, identidade híbrida, dividido consigo mesmo, embora sem lutas violentas, já não apresenta mais uma estrutura moral unificada típica. Ao conviver com a cultura do Centro, volta um sujeito complicado e descombinado de tudo e por isso habita um

"entre-lugar". Desse modo, ele é o sujeito diferente que desconstrói o cenário familiar patriarcal ao opor-se a ele.

Diante de tais constatações podemos concluir que a narrativa de Francisco Dantas busca complicar e subverter as velhas e estabilizadas identidades em vez de reforçá-las mostrando a crise no patriarcalismo. Ele quebra o modelo da narrativa tradicional ao compor um personagem que não corresponde às expectativas e restrições sociais exigidas para o contexto patriarcal. Cassiano flexibiliza a família patriarcal ao ir contra ela marcando a passagem de época.

Qual sua função na estrutura da obra? Podemos deduzir que Cassiano incorpora à sua maneira de agir e ao seu modo de ser uma mistura de hábitos e costumes, vícios e ostentações, ambições e recalques tanto da sociedade burguesa quanto patriarcal. Isto quer dizer que tais características da sociedade são convertidas em substância própria da identidade de Cassiano formando o que Candido, (2006, p. 16) define como "uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator arte".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Luzia Oliveira. Patriarcalismo e rupturas em Cartilha do silêncio. **Ponta de Lança,** São Cristóvão v. 2, n. 3, p. 47-58, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CANDIDO, Antonio**. Literatura e sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul: 2006.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DANTAS, Francisco J. C. **Cartilha do silêncio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FARINACCIO, Pascoal**.** Resenha de Francisco Dantas - **Cartilha do silêncio**. 2005. http://www.criticaecompanhia.com/pascoal.htm. Acesso em 15/06/2009.

GOMES, Carlos Magno. **A sociologia da literatura sergipana.** Maio 2009. Palestra proferida na Universidade Federal de Sergipe, Gelic.- Grupo de Estudos de Literatura e Cultura.

GOMES, Carlos Magno. Os estranhos da família de Lya Luft. **Interdisciplinar.** v.1, n. 1 - Edição Especial, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEITE, Lígia C. M. **O foco narrativo ou a polêmica em torno da ilusão**. 2ª.ed. São Paulo: Editora Ática, 1985. p. 47-54.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.